

Dislexia

Rosana Santos Dórea – UNEB

Resumo:

Pretende-se com esta pesquisa analisar dados lingüísticos de um sujeito cujo desenvolvimento da linguagem não transcorreu da forma esperada (ou normal). O caso transcrito abaixo é de um sujeito de 22 anos, estudante de curso superior, que apresenta fortes indícios de ser um disléxico, ou seja, portador de dificuldade específica para identificar, compreender e reproduzir os símbolos escritos, que tem como consequência perturbar profundamente a aprendizagem da leitura e da ortografia. Os estudos feitos estão pautados nas teorias de AJURIAGUERRA (1990), BRYANT e BRADLEY (1987) e JORM (1985). Utilizando cinco testes: 1. ditado ortográfico, 2. ditado de um texto, 3. identificação de rimas em um dado texto, 4. produção de um texto com tema livre e 5. leitura de um texto, após a análise dos dados, conclue-se que o indivíduo é disléxico.

Abstract:

The main goal of this research is to analyze the linguistic information of a person whose development of the language didn't elapse in the expected (or normal) way). The case written below is about a person that was, in the period, 22 years old, student of college, that presents strong evidence of being bearer of specific difficulty to identify, comprehend and reproduce the written symbols, as consequence strong disruption of the learning of reading and spelling. The studies made are based on the theories of AJURIAGUERRA (1990), BRYANT and BRADLEY (1987) and JORM (1985). Using five tests: 1. Spelling, 2. Dictation of a text, 3. Identification of rhymes in a specific text, 4. Written production of a free text and 5. Reading of a specific text, after the analyses of the information, the conclusion is that the person is really bearer of difficulty in reading, spelling and writing.

Palavras-Chave: Leitura, Ortografia, Erro.

Key words: Reading, Spelling, Mistake..

O termo dislexia é aplicável a uma situação na qual a criança é incapaz de ler com a mesma facilidade com a qual lêem os seus semelhantes, apesar de sua inteligência, saúde, órgãos sensoriais, motivação e incentivos serem normais, bem como instrução adequada.

Para que se possa diferenciar qualitativamente a dislexia específica das demais causas de dificuldade na leitura, é conveniente respaldar-se nas seguintes premissas:

- A dificuldade para ler persiste até a idade adulta;
- Os erros na leitura e na escrita são de natureza peculiar e específica;
- Existe uma incidência familiar de tipo hereditário da síndrome;
- A dificuldade se associa, também, à interpretação de outros símbolos.

A existência da dislexia é atestada desde 1896 e segundo Mme. Borel (apud Ajuriaguerra, 1990) a dislexia é uma dificuldade específica para identificar, compreender e reproduzir os símbolos escritos, que tem como consequência perturbar profundamente a aprendizagem da leitura e da ortografia.

Na verdade, em aspectos gerais, utiliza-se o mesmo termo *dislexia* para designar desde a perda da capacidade de ler e escrever, após essa ter sido adquirida, através de algum tipo de dano cerebral, até a falha em atingir uma alfabetização adequada durante o curso do desenvolvimento normal. E é essa variedade que leva A. Jadoule (apud Bryant e Bradley 1987) a escrever que não há dislexia, mas dislexias.

A perda da capacidade de ler e escrever através de dano cerebral é geralmente conhecida como *dislexia adquirida*. Usualmente observada mais em adultos do que em crianças, a dislexia adquirida resulta de danos a diferentes regiões do cérebro e envolve deficiências em diferentes componentes do processo de leitura e ortografia. Na realidade, existem diferentes variedades de dislexia adquirida: 1) uma delas, de acordo com Bryant e Bradley (1987), é conhecida como *dislexia profunda*, cuja principal característica é ver uma palavra e lê-la como outra, com significado semelhante ou pertencente à mesma categoria da palavra original (“*duende*” por “*gnomo*”); 2) a outra é denominada de *dislexia*

fonológica. As pessoas que apresentam este tipo de dislexia cometem freqüentemente erros por derivação (*trabalho* por *trabalhar*) e erros visuais (*calmo* por *calda*), o que sugere que essas pessoas se apoiam na aparência visual da palavra; 3) e a última, é a chamada *dislexia de superfície*. As pessoas denominadas disléxicas de superfície apresentam dificuldades com palavras que não se pode ler apenas com o auxílio das correspondências som-letras, o que explica a dificuldade em lembrar e ler palavras irregulares.

A outra ampla categoria de dificuldades na leitura e ortografia, que envolve falhas em adquirir essas habilidades, é geralmente conhecida como dislexia do desenvolvimento, que também se apresenta sob diferentes tipos.

De acordo com C. Launay (apud Ajuriaguerra, 1990), há, na verdade, duas formas de apresentar o problema da dislexia: ou é uma doença específica com causa determinada, ou é uma associação de sintomas, cuja origem está em fatores diversos combinados de maneiras diferentes.

A primeira concepção trata a dislexia como uma doença orgânica de tipo constitucional e hereditário, relacionada ao que se chama lesão cerebral menor. Dentro desta concepção, a dislexia não estaria longe dos distúrbios neurológicos da doença cerebral motora.

Contra esta concepção argumenta A. Inizan (apud Ajuriaguerra, 1990). Segundo ele, a média das idades dos disléxicos que povoam a literatura quase não varia de um autor para outro, e se situa por volta dos dez anos, já que sendo um atraso na aprendizagem da leitura não se pode, evidentemente, detectar e descobrir os disléxicos antes que estes tenham tentado aprender a ler.

Na segunda concepção, a dislexia é concebida como um distúrbio psicopedagógico, com anamnese freqüente, mas não constante, dos distúrbios da linguagem ou da orientação espacial, alguns constitucionais outros dependentes do meio; fatores que podem se conjugar para colocar a criança de seis anos em uma situação de inferioridade que a deixará inábil para uma aquisição escolar normal.

Quanto à leitura e à escrita, em geral, os disléxicos apresentam:



- a) confusões no reconhecimento de sinais orientados de maneira diferente: n-u; d-b; p-q; a-e; w-m;
- b) falta de precisão na apreciação dos tamanhos refletidos na escrita;
- c) confusão dos caracteres de forma parecida: l-i, t-f, a-d, m-ch, u-v, o-a, c-o, e-c, h-r, i-j, m-n;
- d) falta de discriminação na situação de algumas letras em relação a outras: les-sel, nu-um, li-il, esp-sep, me-em, sol-los, som-mos, sal-las, pal-pla etc.;
- e) dificuldade em decifrar uma mesma palavra, como se o esforço anterior não tivesse contribuído em nada;
- f) dificuldade para seguir uma linha e para passar rapidamente à linha seguinte;
- g) inaptidão para associar a lembrança de um som com a imagem desse som representadas por letras agrupadas ou isoladas;
- h) substituição de palavras por outras de estrutura mais ou menos similar ou criação de palavras, porém com diferente significado: soltou/salvou; era/ficava;
- i) confusão entre letras que possuem um ponto de articulação comum, e cujos sons são acusticamente próximos: d-t, j-x, c-g, m-b, m-p-b, v-f;
- j) contaminações de sons;
- l) adições ou omissões de sons, sílabas ou palavras: *famoso* substituído por *fama*, *casa* por *casaco*;
- m) repetições de sílabas, palavras ou frases;
- n) excessivas fixações do olho na linha;
- o) soletração defeituosa: reconhece letras isoladamente, porém sem poder organizar a palavra como um todo, ou então lê a palavra sílaba por sílaba, ou ainda lê o texto “palavra por palavra”;
- p) problemas de compreensão;
- q) leitura e escrita em espelho em casos excepcionais;
- r) ilegibilidade;
- s) em geral, as dificuldades do disléxico no reconhecimento das palavras obrigam-no a realizar uma leitura hiperanalítica e decifratória. Como dedica seu

esforço à tarefa de decifrar o material, diminuem significativamente a velocidade e a compreensão necessárias para a leitura normal.

t) dificuldade no reconhecimento das rimas.

As características descritas na leitura dos disléxicos, enumeradas acima, raramente se apresentam isoladamente. Frequentemente se acompanham de outras que alteram a aprendizagem. Conforme Johnson e Myklebust (apud Ajuriaguerra, 1990), as mais comuns são:

a) alterações na memória;

b) dificuldade na orientação direita-esquerda;

c) dificuldades na matemática.

Quanto ao histórico pessoal, pode-se descobrir os seguintes antecedentes:

a) existência de um familiar próximo que apresente ou tenha apresentado problemas na linguagem ou dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita;

b) dificuldades no parto: anoxia, hiper maturidade, prematuridade do tempo e/ou peso;

c) doença infecto-contagiosa que tenha produzido no sujeito um período febril, com vômitos, convulsões e/ou perda de consciência;

d) atraso na aquisição da linguagem e/ou perturbações na articulação;

e) atraso na locomoção;

f) problemas de dominância lateral.

E finalmente, em termos emocionais, na maior parte das vezes, os problemas desta natureza aparecem no disléxico como reação secundária a seus problemas de rendimento escolar.

As crianças disléxicas tendem a exibir um quadro mais ou menos típico, com variações de paciente para paciente, cujas reações características seriam:

a) atitude depressiva diante de suas dificuldades;

b) atitude agressiva e pejorativa diante de seus superiores e iguais;

c) o disléxico experimenta uma diminuição em sua auto-estima, retirando-se da aprendizagem e de qualquer competição.



APRESENTAÇÃO DO SUJEITO

O sujeito analisado possuía 22 anos na época da testagem (1996) e era estudante do curso de Secretariado Executivo da Universidade Federal da Bahia. Foi apresentado por sua professora de Português da já mencionada instituição de ensino como sendo um sujeito com graves problemas para a aprendizagem e verificavam-se erros primários tanto na sua produção escrita como oral (leitura).

Revelou-se, desde o início, um caso interessante para ser estudado, porque não se tratava mais de uma criança e sim de um adulto, que apesar de suas dificuldades havia conseguido ingressar na Universidade, e que até o momento não havia sofrido nenhum tipo de intervenção.

A análise prévia feita a partir dos relatos de sua professora apontava para uma dislexia grave, pois o sujeito trocava constantemente letras que representavam sons *sonoros* por *surdos*, sem a menor consciência do feito.

Os trabalhos realizados pelo sujeito, durante os dois semestres cursados nas disciplinas Língua Portuguesa I e II, foram todos colecionados e entregues à examinadora (Rosana Dórea). A partir da análise minuciosa dos trabalhos, pôde-se perceber que o seu caso era realmente grave, pois foram encontradas, entre outras, trocas que comprometiam completamente o texto produzido, entre elas: *vezes* por *fezes*, as quais confirmavam o diagnóstico feito (a priori): dislexia.

Então, fazia-se necessária a aplicação de alguns testes para que pudesse ser feito um diagnóstico mais preciso.

METODOLOGIA

Um dos problemas encontrados foi a coleta de dados que iria servir de base para a análise e o diagnóstico da linguagem do sujeito, pois o fato do sujeito ter conhecimento de que estava sendo testado, fazia com que o mesmo se cercasse de cuidados, deixando assim de existir uma situação natural.

No total foram aplicados cinco testes (1. ditado ortográfico, 2. ditado de um texto, 3. identificação de rimas em um dado texto, 4. produção de um texto com tema livre e 5. leitura de um texto), divididos em três encontros (1º encontro- 29 de abril, 2º - 6 de maio e o 3º - 20 de maio), os quais eram sempre às segundas-feiras, às 17 h., para atender à disponibilidade de horário do sujeito.

O primeiro encontro foi marcado pelas apresentações. O sujeito e a examinadora não se conheciam e na tentativa de que o sujeito depositasse confiança na pesquisadora e esquecesse o fato de que seria em breve testado, conversou-se muito sobre assuntos bem diversificados. Esta conversa descontraída era também uma forma de tentar descobrir se existia algum problema na fala.

As expectativas do sujeito em relação aos testes eram visíveis, pois as conversas eram sempre entrecortadas por perguntas sobre o procedimento destes ou por falas que demonstravam uma grande preocupação em não estar devidamente preparado para se submeter a qualquer tipo de teste.

Após algumas falas na tentativa de tranquilizá-lo, evitando ao máximo falar sobre os testes, foi feita a anamnese, pois esta poderia oferecer muito em termos da identificação das causas potenciais e condições agravantes relacionadas ao sistema do sujeito.

Em seguida, foi aplicado um ditado ortográfico para que fossem verificadas quais eram exatamente as letras trocadas pelo sujeito. O ditado era composto por 53 (cinquenta e três) palavras, que foram escritas pelo sujeito sem vacilar, apesar da preocupação em não errar ser evidente.

Além do ditado ortográfico, foi feito no mesmo dia o ditado de um texto que possuía muitas palavras escritas com **f** ou **v**, já que pela análise dos trabalhos do sujeito, essas letras foram classificadas como problemáticas.

O outro teste aplicado foi a identificação de rimas em quatro poesias de Carlos Drummond de Andrade (1-Canção para álbum de moça, 2-O lutador, 3-Brinde no banquete das musas e 4-Oficina irritada), compatível com o nível escolar do sujeito, uma vez que os disléxicos têm, de forma geral, dificuldades na identificação de rimas.



Após aplicação dos testes, o sujeito mostrou-se muito ansioso pelos resultados, os quais ainda não poderiam ser dados de forma alguma, estando a fase de aplicação de testes apenas no início.

O segundo encontro, realizado uma semana após o primeiro, foi dedicado à produção de um texto com tema livre. Mas antes da aplicação, como se tornou de costume, começou-se conversando descontraidamente, ainda no intuito de detectar algum problema de fala.

Depois de trinta minutos de conversa, foi explicado o que deveria ser feito naquele dia. O sujeito levou 2 (duas) horas e 20 (vinte) minutos para escrever um texto de 16 (dezesseis) linhas pautadas.

No terceiro e último encontro, foi realizada a leitura do primeiro capítulo do livro João Capelo Gaivota, procurando detectar dificuldades na leitura em vez da escrita.

RESULTADOS

Através da análise da anamnese, pôde-se observar que o sujeito não apresentava um histórico familiar positivo de distúrbios de linguagem, nem mesmo de doenças infecto-contagiosas ou complicações no parto que pudessem apontar para a dislexia como consequência.

No teste do ditado ortográfico, em um universo de 53 palavras, as quais foram escritas sem vacilar (com uma média de 7 segundos para a escrita de cada uma), o sujeito só errou 37 (trinta e sete) palavras: *cheiro* escrito como *jeiro*, por exemplo.

No ditado do texto, o sujeito cometeu diversos erros e uma extrema dificuldade para acompanhar o ritmo de leitura da examinadora, que teve que reler as palavras e sentenças diversas vezes (uma média de três vezes para cada palavra).

Na identificação das rimas, a grande maioria não foi identificada. E quanto à análise da fala do sujeito, feita através da observação das conversas tidas antes da aplicação de cada teste, constatou-se que o sujeito não possuía problemas de fala, e (segundo o próprio) nunca havia tido, embora apresentasse problemas de expressão oral. As idéias fluíam, mas a organização do texto oral era muito difícil, o indivíduo testado apresentava muitas repetições, desorganização das idéias, texto com lacunas, entre outras observações. O sujeito era muito extrovertido, o que facilitou o andamento das conversas, embora possuísse uma grave dificuldade na capacidade de análise e reflexão acerca de assuntos variados.

Então, com estes dados em mão, as dúvidas foram logo sanadas: tratava-se realmente de um sujeito disléxico. Embora os dados da anamnese tivessem sido quase que completamente negativos, na análise da escrita a quantidade de erros cometidos durante a aplicação dos dois testes era muito grande, e na análise das conversas foi constatado que o sujeito se expressava muito mal. Parecia se tratar de um sujeito com graves dificuldades ortográficas, de leitura e de expressão.

No segundo encontro foi solicitada a produção escrita de um texto com tema livre. E foi neste momento, que foi possível observar mais claramente a insegurança e a dificuldade do sujeito.

As idéias, que na forma oral já fluíam de forma dificultosa, pioravam quando se tratava da forma escrita. Ele falava tudo aquilo que pensava acerca do tema escolhido, mas não conseguia transcrever aquilo tudo na modalidade escrita.

Além disso, dois outros fatos despertaram a atenção da examinadora: 1) a cada linha escrita, o sujeito tinha que lê-la, mas a leitura não era feita de forma silenciosa, era feita através de murmúrios; e 2) o sujeito fixava excessivamente o olho na linha, além de acompanhar cada palavra com o auxílio da caneta, como se tivesse medo de perder a linha (característica típica dos disléxicos).

Aquilo que era esperado detectar na leitura oral foi detectado previamente na leitura silenciosa, o que não é nada estranho, pois não se estava mais lidando com uma criança e sim com um adulto.



A leitura silenciosa do sujeito era subvocal, isto é, ou ele murmurava ou movia os lábios enquanto lia, como se fosse obrigado a pronunciar as palavras para poder compreendê-las. Na medida em que, ao ler em silêncio, utilizava a mesma técnica que na leitura oral, a velocidade era excessivamente lenta.

Quanto ao último teste, que foi a leitura oral de um capítulo de um livro, constatou-se o mesmo que anteriormente no que se refere à leitura silenciosa (antes da leitura oral foi solicitada a leitura silenciosa do texto). Mas no tocante a leitura oral, o sujeito demonstrou muitas dificuldades, mesmo tendo feito a leitura silenciosa previamente. A leitura foi feita com problemas de pausas e pontuações, e com uma grande insegurança, o que é fácil de se compreender, pois todo o esforço e dificuldade do sujeito ao ler já havia se manifestado na leitura silenciosa, agora se repetia no texto, que não havia sido devidamente decifrado, portanto ainda havia dificuldades na leitura oral e na compreensão e interpretação oral do texto, a qual foi feita de forma tranqüila e espontânea, pois a examinadora nem havia ainda requisitado a interpretação do texto, mas esta revelou-se extremamente conturbada, pois parecia se tratar de um outro texto, as respostas mesclavam questões muito amplas e a grande maioria não havia correlação com o texto-base..

E finalmente, quanto aos aspectos emocionais, a observação das conversas veio a confirmar as suspeitas de dislexia.

O sujeito mostrava-se muito depressivo quando falava de suas dificuldades ao escrever algum texto e mostrava-se altamente triste e inconformado diante de seus fracassos escolares. Podia-se observar, ainda, uma franca hostilidade em relação a sua professora de português, na Universidade, e em relação aos colegas que obtiveram aprovação na disciplina.

A grande questão que não foi respondida: Como ele conseguiu ingressar na universidade? A resposta vinda do próprio testado foi que tudo nesta vida é uma questão de sorte.

CONCLUSÃO

Tendo em vista o fato de que foi realmente constatada troca de letras nos testes aplicados e que o sujeito possui uma leitura silenciosa subvocal e altamente decifratória, além de ter um quadro emocional típico e característico, pode-se concluir que o sujeito possui dislexia do desenvolvimento, afetando tanto a ortografia quanto à leitura, por ter havido falhas em atingir uma alfabetização adequada durante o curso do desenvolvimento normal, como foi atestado pelo próprio sujeito na anamnese.

O fato de terem sido encontradas trocas em quantidade estatisticamente alta confirmou a conclusão do trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AJURIAGUERRA, J. de, et alii. *A dislexia em questão*: dificuldades e fracassos na aprendizagem da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BRYANT, Peter, BRADLEY, Lynette. *Problemas de leitura na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

DRUMMOND DE ANDRANDE, Carlos. *Antologia poética*. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

JORM, A. F. *Psicologia das dificuldades em leitura e ortografia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

